

# ERRO ORTOGRÁFICO: fator sócio-cultural, prática inadequada ou interferência da oralidade na escrita?

Dejanir José CAMPOS JÚNIOR

<sup>1</sup> Mestre em Educação, professor dos cursos de Medicina, Odontologia, Administração, Gestão da Produção Industrial, Ciências Contábeis e Pedagogia da Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – *campus* Betim, Belo Horizonte e Pará de Minas. *E-mail*: dejanircampos@gmail.com

**Recebido em: 23/01/2016 - Aprovado em: 23/06/2016 - Disponibilizado em: 30/07/2016**

**Resumo:** Este estudo teve como objetivo verificar se os alunos da 5ª série do ensino fundamental, de escola pública, apresentam dificuldades na escrita e investigar se os sons das palavras colaboram com a ocorrência de erros ortográficos. Ao se escolher esse tema, propicia-se uma reflexão sobre um problema que está presente na vida da maioria dos alunos e até mesmo na de muitas pessoas de diferentes raças, regiões e classe social. Este problema é o “erro ortográfico”, que na verdade provém de diversas razões, as quais serão relatadas nessa pesquisa. Como suporte para o desenvolvimento dessa pesquisa, optou-se por utilizar a produção textual, especificamente uma carta, a partir das quais se observou que os erros encontrados provêm da oralidade ou são decorrentes da própria escrita. Espera-se, com este estudo, contribuir de forma significativa para que o educador em sua prática de ensino, tenha consciência de que as atividades mecânicas e repetitivas não gera bom rendimento no processo de ensino ortográfico na escola, e sim apenas uma memorização ineficaz.

**Palavras chave:** Leitura; escrita; erro; correção.

**Abstract:** This study aims to determine if the students of the 5th grade of elementary school, public school, have difficulties in writing and investigate whether the sounds of words collaborate with the occurrence of misspellings. By choosing our theme, we reflect on a problem that is present in the lives of most students and even many people of different races, regions and social class. This problem is the "misspelling" which actually comes from several reasons, which will report in our research. As support for the development of this research, we chose to use the textual production, specifically a letter, from which we observe whether errors encountered come from orality or result from the actual writing. We hope, with this study, contribute significantly to the educator in their teaching practice, be aware that the mechanical and repetitive activities adds a good performance in spelling teaching process in school, but is only an ineffective memorization.

**Keywords:** Reading; Writing; error; correction.

## INTRODUÇÃO

Ao escolhermos nosso tema, refletimos sobre um problema que está presente na vida da maioria dos alunos e até mesmo na de muitas pessoas de diferentes raças, regiões e classe social.

As variações de escrita produzidas pelos aprendizes são muitas e têm

naturezas diferentes. Cada problema tem sua causa.

Esse problema é o “erro ortográfico”, que na verdade provém de diversas razões, as quais relatar-se-ão neste estudo.

A importância desse trabalho leva a crer que, através de um estudo mais profundo e uma aproximação individual

com cada aluno, poderá identificar quais são os erros ortográficos mais comuns, e identificar quais as possíveis causas da escrita incorreta, baseando nos resultados obtidos na pesquisa de campo realizada com alunos da 5ª série de escola pública, da região metropolitana de Belo Horizonte e confrontando os resultados com a teoria de alguns autores sobre o assunto em suas obras, além de se apresentar algumas possíveis analogias com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Assim, acredita-se que por esses motivos esse estudo se fundamenta e se justifica.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

O contato com textos escritos na vida cotidiana é um fator extremamente usual para as pessoas devido à importância que as informações têm no dia a dia.

A escrita é um sistema simbólico de representação da fala, e graças a ela o homem pode efetuar uma reflexão, uma análise de seu próprio pensamento.

Segundo Bagno citado por Perini (1997):

Nosso conhecimento da língua é ao mesmo tempo altamente complexo, incrivelmente exato e extremamente seguro, (...) qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz

de explicitar esse conhecimento. E (...) esse conhecimento não é fruto de instrução recebida da escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente e adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas. (BAGNO, 1999, p. 11).

De acordo com os PCN's (1997, p. 84):

[...] de modo geral, o ensino da ortografia dá-se por meio da apresentação e repetição verbal de regras, com sentido de “fórmulas”, e da correção que o professor faz redações e ditados, seguida de uma tarefa onde o aluno copia várias vezes as palavras que escreveu errado. E, apesar do grande investimento feito nesse tipo de atividade, os alunos – se bem que capazes de “recitar” as regras quando solicitados continuam a escrever errado.”

Nunca é demais enfatizar que a aprendizagem da escrita, na escola, deve partir do conhecimento de que o aprendiz é um falante da língua. É em sua fala que ele se apoiará então, para construir o processo de apropriação desse novo objeto: a escrita. A relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido é dinâmico, dialética e se dá através da ação. Assim, não é impondo ao aprendiz a informação sobre a escrita, como se ela fosse um produto a ser transferido da cabeça do professor (que já a possui) para

a do aluno (que não a conhece), que se possibilitará ao indivíduo o domínio desse conhecimento.

O aprendiz se apropriará da escrita realmente quando lhe for possível agir sobre ela, levantar perguntas, elaborar hipóteses, inventar soluções e conclusões pessoais, testar essas hipóteses/soluções, viver as contradições da hipótese, retomá-la até compreendê-la; enfim, se o professor o colocar diante de questões que envolvam confronto, que o desafiem, que lhe provoquem dúvidas, que o façam pensar, refletir sobre esse novo objeto: a escrita. Mais importante que receber informações sobre a escrita, é aprender a pensar sobre ela, compreendendo as relações e as causas implícitas nas informações.

Em função do que se expôs anteriormente, não é possível definir a que tipos de grafias o aprendiz será exposto em primeiro lugar, em segundo, e assim sucessivamente. Quando os alunos lidam com textos em sua diversidade, não é possível controlar as dificuldades que eles enfrentarão em cada um deles.

É importante enfatizar que são as variações de escrita encontradas nos textos produzidos pelos alunos, que mostram as suas dificuldades, as quais devem ser trabalhadas em sala de aula.

De acordo com Lemle (2004), há algo importantíssimo que o alfabetizador

deve saber, para não cometer erros grosseiros e/ou desmedidos de pensamento e de atitude em seu trabalho.

Assim, por exemplo, se você faz parte da comunidade lingüística que mudou o [L] em fim de sílaba para [U], terá que tomar uma decisão fonologicamente arbitrária, no que diz respeito a escrita de uma palavra com U ou com L nessa posição. Entretanto se a comunidade não participou dessa mudança e ainda distingue as duas unidades de som, aprendizagem da ortografia de palavras desse tipo não trará problemas. Do mesmo modo, se você pronuncia pêra e feira sem fazer diferença entre o som correspondente ao (e) da primeira palavra e o som que corresponde ao (ei) da segunda, será preciso decorar que pêra, cera e bandeja se escrevem com (e), enquanto feira, beira e beija se escrevem com (ei). Mas se o seu dialeto ainda mantém a diferença entre as duas unidades de som, basta registrar sua pronúncia, ao escrever. (LEMLE, 2004, p. 65).

Dessa forma, Cagliari (1997, p. 117) também se posiciona afirmando que “é uma ilusão pensar que a escrita é o espelho da fala. A única forma de escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética.”

### **3 METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento desse trabalho, foi aplicada uma atividade (descrita a seguir) para os alunos da 5ª série do ensino fundamental de escola

pública, da região metropolitana de Belo Horizonte.

Com o intuito de descobrir o índice de alunos que apresentavam grafia irregular, foi feita uma análise baseada em uma produção textual (carta), observando se os erros encontrados provêm da oralidade ou são decorrentes da própria escrita.

Para a coleta de dados que possibilitassem verificar a veracidade da questão a ser discutida, optou-se pela atividade de **produção textual - carta**, que foi aplicada na Escola Estadual de Mário Campos, aos alunos da quinta série do ensino fundamental da Escola Estadual de Mário Campos, turno da manhã. Essa carta teve uma orientação por parte dos pesquisadores no tocante a explicação sobre a confecção da mesma, bem como pronome de tratamento e estética.

A proposta apresentada aos nossos informantes foi a seguinte: “Em de outubro, acontecem as eleições para escolha do Prefeito e dos vereadores que administrarão a cidade de Mário Campos. Escreva uma carta para o prefeito Anderson apresentando sugestões para melhoria de nossa cidade.”

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Análise e interpretação dos dados

Em tempo, para a análise e interpretação dos dados serão consideradas, nos quadros explicativos, as abreviaturas **E.C.** (Erros Cometidos) e **G.C.** (Grafia Correta).

Os problemas apresentados no textos, que foram utilizados para a pesquisa, podem ser classificados, segundo Cagliari (1997), em virtude de:

**\*TRANSCRIÇÃO FONÉTICA: ocorre quando o aluno escreve como fala. Aqui entram os erros como redução de gerúndios, ditongos, troca de E por I, etc.**

<b>E. C.</b>	<b>G. C.</b>
<i>Melho</i>	melhor
<i>Dividi</i>	dividir
<i>Chega</i>	chegar

Neste caso, houve o cancelamento do *r* pós vocálico no final da palavra.

<b>E. C.</b>	<b>G. C.</b>
<i>Laia</i>	Lá ia
Jaticon <del>te</del> i	Já te contei
Mimatou	Me matou

Transcreve sua pronúncia da juntura intervocabular e segmentação indevida.

E. C.	G. C.
<i>Incrusive</i>	inclusive
<i>Pranejamento</i>	planejamento
<i>Afrição</i>	aflição

Houve troca do r pelo l.

**\*USO INDEVIDO DE LETRAS:** caracteriza pelo fato de o aluno escolher uma letra possível para representar um som de uma palavra quando a ortografia usa outra palavra.

E. C.	G. C.
<i>Sidade</i>	cidade
<i>Presiza</i>	precisa
<i>Esquese</i>	esquece
<i>Fisece</i>	fizesse
<i>Esquese</i>	esquece
<i>Emtão</i>	então
<i>Ficace</i>	ficasse
<i>Almentar</i>	aumentar

De modo em geral, esses usos indevidos ocorrem de preferência para as letras citadas acima.

OBS.: Não consideramos trocas de vogais como uso indevido, porque quase sempre representam transcrições fonéticas.

**MODIFICAÇÃO DA ESTRUTURA SEGMENTAL DA PALAVRAS – São erros de troca, supressão, acréscimo e inversão de letra. Não tem apoio nas**

possibilidades de uso das letras no sistema de escrita e representam, às vezes, maneiras de escrever de que o aluno lança mão, porque ainda não domina bem o uso de certas letras, como a distribuição de m e n, v e f, nas palavras. normalmente a escola considera esses erros graves indícios de falta de discriminação auditiva (o que é falso), quando deveria entender que a criança faz uma aproximação muito grande da letra certa, não escolhendo uma letra que nada tem a ver com o som que quer representar.

E. C.	G. C.
<i>Faca</i>	Vaca
<i>Voi</i>	foi
<i>Foz</i>	Voz

Neste exemplo aconteceu a troca de letras *f* por *v* e vice-versa

**FORMA MORFOLÓGICA DIFERENTE – Alguns erros ortográficos acontecem porque, na variedade dialetal que se usa, certas palavras tem características próprias que dificultam o conhecimento, a partir da fala, de sua forma ortográfica.**

E. C.	G. C.
Ta	está

Tou	estou
Pacia	passear
Po	por

## USO INDEVIDO DE LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS –

aprendendo que devem escrever os nomes próprios com letras maiúsculas, alguns alunos passam a escrever os pronomes

### 5 DISCUSSÃO

Observamos durante a análise do material que o “Erro Ortográfico” cometido pelos alunos com os quais trabalhamos, condizem com algumas afirmações citadas na revisão de literatura, respeitando o ponto de vista de cada teórico.

Cagliari (1997, p. 117) posiciona-se afirmando que “é uma ilusão pensar que a escrita é o espelho da fala. A única forma de escrita que retrata a fala, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética.”

Postulamos a mesma idéia de Cagliari (1997) no que diz respeito ao aluno escrever como se fala, pois, de acordo com a análise feita, detectamos erros em decorrência do uso indevido de letras, da modificação da estrutura segmental das palavras, forma morfológica

pessoais também com letras maiúsculas e iniciam nomes próprios com letras minúsculas.

E. C.	G. C.
Anderson	Anderson
mario campos	Mário Campos
Eu	eu

diferente e uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas.

De acordo com os PCN’s (1997):

[...] de modo geral, o ensino da ortografia dá-se por meio da apresentação e repetição verbal de regras, com sentido de “fórmulas”, e da correção que o professor faz de redações e ditados, seguida de uma tarefa onde o aluno copia várias vezes as palavras que escreveu errado. E, apesar do grande investimento feito nesse tipo de atividade, os alunos – se bem que capazes de “recitar” as regras quando solicitados – continuam a escrever errado. (PCN’s, 1997, p. 84).

Com os resultados obtidos, concordamos com os PCNs, pois muitos alunos escrevem errado, e, provavelmente a principal causa foi o ensino da ortografia que aconteceu em decorrência da repetição verbal de regras.

### CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo verificar se os alunos da 5ª série do ensino fundamental de escola pública, apresentam dificuldades na escrita, e investigar se os sons das palavras colaboram para o erro ortográfico. O interesse por esse objeto de estudo mostrou-se relevante por ser um problema que está presente na vida da maioria dos alunos e até mesmo na de muitas pessoas de diferentes raças, regiões e classe social.

Observa-se que nem todos os problemas ortográficos são decorrentes da oralidade. Existem palavras que obedecem certas regras da língua e cabe ao professor ajudar o aluno a construir tais regras.

Constatamos que nenhum aluno obteve 100% de aproveitamento, sendo que 17 não ultrapassaram uma média de 50% levando-se em consideração uma avaliação de 0 a 10 erros por cada redação. Os demais alunos, que são 12, atingiram média superior a 50%.

Analisando as cartas dos alunos que tiveram um resultado mais satisfatório, os erros mais freqüentes foram: transcrição fonética e uso indevido de letras, a troca de Ç por SS, L por U, S por C, S por Z, U por L e vice – versa; já os que ultrapassaram os 50% de erros na redação em uma escala de 1 a 10, os mais freqüentes foram a substituição do M por N, do L por R, E por I, S por SS, E por I, além dos cometidos

por aqueles que foram melhores. Identificamos também o uso de letra maiúscula no meio da frase e nomes próprios com letra minúscula.

Ao final de nossa análise e após a revisão de literatura, concluímos que o educador em sua prática de ensino, deverá ter consciência de que as atividades mecânicas e repetitivas não acrescentarão um bom rendimento no processo de ensino ortográfico na escola, apenas ocorrerá uma memorização ineficaz. Os erros ortográficos têm causas distintas e é a partir dessas diferenças que o educador deve criar metodologias diferenciadas para trabalhar com seus alunos, pois esses precisam ser levados a refletir sobre a natureza da variação lingüística.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico – O que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** 3.ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- FILHO, Aires da Mata Machado. **Falar, ler e escrever** - Coleção Escrever Certo. São Paulo: Boa Leitura, vol VI, 1960.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** São Paulo: Ática, 15. ed, 2004.
- MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa.** Brasília. 1999.